

Projeto Bruta Flor conta a história de Zé, personagem que mantém viva a tradição das lavadeiras de Orós

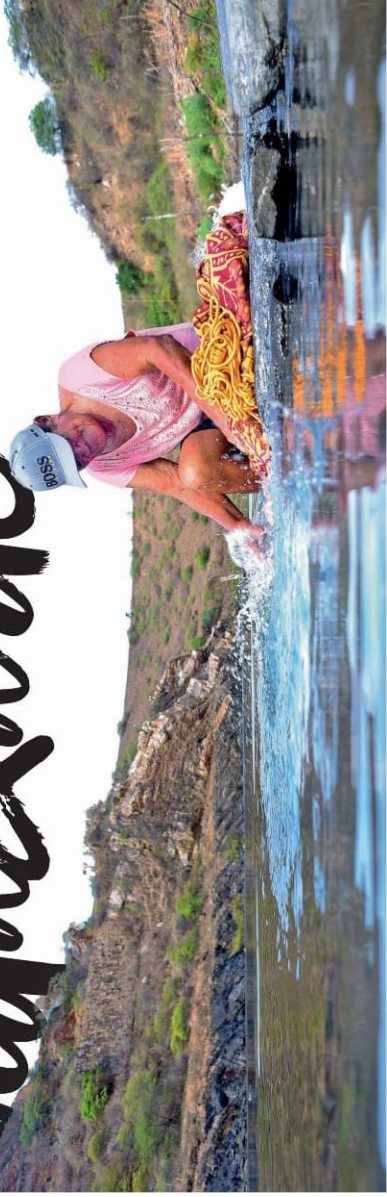
VIDA&ARTE, PÁGINA 1

MATEUS LEANDRO / DIVULGAÇÃO



MATEUS LEANDRO/ DIVULGAÇÃO

vida & arte



REAL e de viés

PERFIL | Zé — que dispensa sobrenomes — mantém viva a tradição das lavadeiras em Orós, Centro-Sul do Ceará, e ganha homenagem audiovisual no projeto Bruta Flor

No município cearense, Zé mora a terra feito flor da paisagem. Em Orós, município da região Centro-Sul do Estado, recolhe roupas sajas de casa em casa, equilibra a tampa na cabeça e lava no feito do rio Jaguaribe. Sábado, um pedacinho assim... Nos enterros, Zé chora os mortos, conhecidas e desconhecidas, feito as cartúncias bibliotecas. Aos vizinhos, pede resacas de comida e os distribui para saciar a fome de animais abandonados, que vagam pelas ruas.

Zé — que dispensa sobrenomes — transita entre gêneros, culturas longas e bobas, veste o que a sociedade convencionou como trajais femininos. Aos 64 anos, Zé é real e de viés.

“Sou lá da Boa Vista, de Quixó, cheguei em Orós com uns 20 anos. Já com muitos anos, né?”, relembra Zé. Na última terça-feira, 15, Zé recebeu das mãos do vereador Nelson Rodrigues o título de cidadão orocense — reconhecimento por manter viva a tradição das lavadeiras e também pelos anos dedicados ao trabalho doméstico nas casas das cidade. “Eu lavo roupa e trabalhava nas casas. Aprendi muitas coisas. Desde pequeno eu cuida da casa, sou dono de casa desde novinho. Na casa do povo eu arrumava, cozinhava, mas tá com um bocadinho de tempo que deixei... Agora, todo dia de manhã eu vou lavar roupa no rio. Me pagam uma miséria”, ri-se Zé. “mas com esse dinheiro dá pra eu viver”.

A singular trajetória de Zé, depois de sair do cidade, “Zé” lavava a roupa da minha mãe, mais eu nem lembrava disso, foi ele que me disse em nosso encontro. Eu me emocionei muito com a lembrança”, narra o produtor. Zé vive na contramão da cisnormatividade, mas nem dá nome — só é, “Zé é um personagem muito marcante que vive no anonimato. Muitas vezes, foi excluído por sua orientação sexual, pelo seu gênero. A sociedade faz questão de colocar pessoas como o Zé à margem, na invisibilidade, sem políticas públicas. Quantos Zés (existem) espalhados pelo mundo...”, comenta Edson.

EDSON CÂNDIDO
Produtor cultural e autor do projeto Bruta Flor

Só pra mim, mas para muita gente que quer homenagem”, Edson criou o projeto Bruta Flor junto ao fotógrafo Mateus Leandro Lopes, de Icó. A expectativa é contemplar uma exposição fotográfica e um documentário, ambos com lançamento previsto para o ano que vem. “Bruta flor é uma planta nativa, um cacto, uma planta bem dura e rígida. O Zé não tem essa representação de ser duro na queda, sabe? batalhador, cearense que não foge à luta — é como essa planta que consegue sobreviver na seca. O Zé é resistência nesse papel ora homem, ora mulher”, explica.

Para Mateus Leandro Lopes, o convite de Edson possibilitou um série de encontros sensíveis ao seu olhar fotográfico. “A gente fez algumas sessões de fotos no chamado Poço da Vela, onde o Zé lava roupa, que fica na sangria do Aqueduto de Orós — quando o aqueduto sangra, corre pra dentro do rio Jaguaribe. O processo de fotografar o cotidiano foi bem simples, a gente tentou não interferir em nada. Nesse objetivo foi deixá-lo bem à vontade, tranquilo, no momento de registrar o mesmo”, relembra. Além dos registros inusitados do trabalho de Zé junto às águas do Jaguaribe, Edson e Mathheus estão em processo de fotografar e filmar também a intimidade da casa.

“Eu conectei Zé por meio do Edson, mas é só ter contado que a gente já vê: o Zé é um nome em

Orós, uma pessoa bem querida, conhece todo mundo. Apesar de não valorizarem — a gente soundou e ele cobra bem: abaixo do normal pelo serviço, mas de mesmo diz que é porque gosta, é só pra se manter mesmo —, no trecho que o Zé caminha até o aqueduto todo mundo fala com ele. É um símbolo da cidade”, complementa Mateus.

A exposição fotográfica tem lançamento virtual previsto para 20 de janeiro de 2021. Segundo Edson, o momento pede muitos cuidados para evitar contaminação com o novo coronavírus, mas o material já captado, é bastante robusto. “Nós iniciamos esse primeiro momento no Teatro Flor é um projeto aberto. Foi contemplado no Edital Cidadania Cultural e Diversidade da Secretaria da Cultura do Estado (Secult), porém nesse intuito mesmo é transformar também em outros produtos — vou buscar recursos para fazer um documentário e também um espetáculo de teatro, um monólogo”, adianta.

“É dessas histórias que eu não posso deixar de falar, é dessa gente que eu não posso deixar de falar. Zé acompanhou tantas gerações, por suas mãos passaram muitas roupas, muitos cresceram... Ele vive sozinho e sem família, é mais que justo homenagear o Zé — ele é a minha voz, é a voz de tantos Zés, é a voz de tantas Marias”, finaliza Edson.



A sociedade faz questão de colocar pessoas como o Zé à margem, na invisibilidade. Quantos Zés (existem) espalhados pelo mundo...

